
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

APRESENTAÇÃO

Amanda Crispim Ferreira¹ (UTFPR - Curitiba),
Maria Carolina de Godoy² (UEL) e Nelci Alves Coelho Silvestre³ (UEM)

A literatura afro-brasileira contemporânea tem se afirmado como campo de resistência estética, política e identitária, questionando os silenciamentos históricos e reinscrevendo memórias coletivas que atravessam gerações. Nela, as experiências de negritude emergem como marcas de escrivência, conceito central proposto por Conceição Evaristo, em que escrita e vida se tornam indissociáveis. A dimensão corporal, ancestral e comunitária dessa literatura não apenas tensiona o cânone, mas também inaugura novos modos de narrar e de existir, articulando subjetividade e memória com práticas de insurgência frente ao racismo estrutural e às desigualdades sociais.

A presente edição reúne contribuições que se inserem na chamada “Processos identitários na literatura afro-brasileira: problemáticas e engajamentos”, compondo um panorama plural e crítico das relações entre literatura, identidade, resistência e cultura.

O artigo “Poéticas da ferida e do corte: a encarnação transvestigênere preta de Luna Souto Ferreira”, de Tallýz Santos Pereira, analisa a obra *Mem(orais)* a partir de uma estética da ferida, destacando como a escrita transvestigênere preta se constitui em gesto insurgente de subjetivação e resistência, instaurando novas formas de fabulação e existência.

No estudo “Vozes negras e mulheres-resistência em *O crime do Cais do Valongo*, de Eliana Alves Cruz”, de Regilane Barbosa Maceno, a análise se volta para personagens femininas negras – Muana, Roza e Tereza – como símbolos de resistência em meio à escravidão e ao silenciamento histórico, evidenciando a obra como contranarrativa à história oficial.

Já no artigo “O risível mundo às avessas em Elisa Lucinda: a questão racial em foco”, Thiara Cruz de Oliveira e Michele Freire Schiffler propõem a leitura de *Livro do*

¹ amandacrispim@gmail.com - <https://orcid.org/0009-0006-6914-7889>

² mcdegodoy@uel.br - <https://orcid.org/0000-0003-4016-3720>

³ nacsilvestre@uem.br - <https://orcid.org/0000-0002-6670-2326>

Avesso: o pensamento de Edite sob a perspectiva do risível, mostrando como o humor e a ironia funcionam como recursos críticos para expor o racismo estrutural e desmontar a lógica do chamado “racismo recreativo”.

Em “O sagrado pão da memória é o corpo negro”, de Paulo Benites e Júlio César Rodrigues Lima, o conto *O Sagrado Pão dos Filhos* (2016), de Conceição Evaristo, é examinado a partir da noção de escrevivência. A análise evidencia como o corpo negro feminino, em performance, mobiliza ancestralidade, memória e resistência, reconfigurando sentidos e reelaborando o mito cristão da multiplicação como gesto poético e político.

No artigo “A vida-labirinto e os cativos de Duzu-Querença: o espaço em *Duzu-Querença*, de Conceição Evaristo”, de Gisana Karen Araújo Costa Lira e Tito Matias-Ferreira Júnior, a narrativa de *Olhos D’água* é lida sob a perspectiva da topoanálise, o que destaca como os espaços marginalizados se tornam determinantes na trajetória da personagem-título, marcada por múltiplos cativos sociais e existenciais. O estudo evidencia como a escrevivência de Evaristo articula espaço, memória e resistência diante das violências estruturais.

O texto “‘A gente combinamos de não morrer’: a heterodiscursividade no conto de Conceição Evaristo”, de Maria de Fátima Costa e Silva e Ana Clara Magalhães de Medeiros, traz, também, a análise de um conto da obra *Olhos d’água* que mostra como a autora constrói mundos possíveis por meio de múltiplas vozes (heterodiscurso), conceito de Mikhail Bakhtin. Maria de Fátima Costa e Silva e Ana Clara Magalhães de Medeiros evidenciam como Evaristo articula vozes distintas que revelam uma realidade comum aos afro-brasileiros, em sua escrita que une estética e ética.

Em “Lima Barreto: o incômodo confessional”, de Thiago de Melo Barbosa, a crítica em torno da obra do autor é revisitada e problematizada, para evidenciar a tese de que de “o falar de si” na obra de Barreto não é um problema, como a crítica hegemônica apontou, mas sim um ponto importante quando falamos em Literatura afro-brasileira, que foi se construindo à margem do cânone e da historiografia literária tradicional.

O ensaio “Quarto de despejo”: a escrita como estoicismo”, de André Pascoal, aponta que todo movimento de resistência empenhado pela escritora Carolina Maria de Jesus para conseguir escrever e publicar suas obras reflete em sua Escrevivência, que também apresenta-se resistente.

Já em “Inscritura e escrevivência em *Os corpos* e *Obá contemporânea* (2005), de Helena do Sul”, Dênis Moura de Quadros reflete sobre a escrevivência de mulheres negras brasileiras, analisando na obra de Helena do Sul aspectos que rompem com os estereótipos que fixavam as personagens negras nas obras canônicas, observando que é uma literatura que entende a escrita como espaço de transgressão, na qual o corpo se inscreve no texto.

Além de estudos sobre autores e obras que consolidaram a literatura de autoria negra no Brasil, como Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo,

este volume também traz discussões acerca de produções de autores dessa nova geração, que tem dado outros caminhos para essa corrente estética.

Nesta direção, encontramos o artigo “A escrita de mulheres negras e as cosmo-percepções africanas em *Mata Doce* (2023), de Luciany Aparecida”, de Jerson Oliveira Mendes Junior e Vitor Cei Santos, que fortalece a crítica em torno do premiado romance de Luciany Aparecida, obra que, embora recente, já configura um marco na literatura brasileira. O estudo localiza a obra como contra-hegemônica, evidenciando, em sua construção, conceitos como memória, tempo espiralado e ancestralidade, sob uma perspectiva de análise afrocêntrica.

Também no texto “A identidade narrativa fragmentária no *Bildungsroman* *De onde eles vêm*, de Jeferson Tenório”, Edson Ribeiro da Silva analisa a obra de Tenório a partir da reflexão sobre identitarismo e *Bildungsroman*, defendendo a tese de que as identidades fragmentadas apresentadas nas produções contemporâneas se constituem como discurso e, assim, podem representar um grupo, revelando uma das facetas do romance-de-formação no Brasil, neste século.

No artigo “A arte da narração: convergências entre o narrador benjaminiano, a tradição oral africana e o *rap*”, Catharina de Carvalho e Pedro Santos, com base nos pressupostos teóricos de Walter Benjamin, analisam, sob a perspectiva do griot, a canção “Diário de um detento”, do grupo de *rap* Racionais MC’s.

Na esteira da literatura infantil e juvenil, da educação étnico-racial e das novas tendências da literatura afro-brasileira, o dossiê apresenta artigos sobre letramento literário, experiências de aplicação da Lei nº 10.639/2003, reflexões sobre estudos críticos centrados nessa produção e um artigo sobre afrofuturismo. Em “Letramento literário antirracista: reflexões sobre um processo investigativo”, Kelly Cristina Cândida de Souza e Andreia de Assis Ferreira e analisam uma experiência pedagógica de letramento literário com enfoque antirracista, destacando o papel da docente mediadora na descolonização do currículo. No artigo “Contatos Imediatos: ‘Conexão’ e o Afrofuturismo Diaspórico de Lu Ain-Zaila”, Emanuelle Oliveira-Monte discute como essa estética se insere no contexto brasileiro, a partir dos pressupostos teóricos da autora Lu Ain-Zaila e de seu conto “Conexão”. Em “Literatura para as infâncias: uma afro-perspectiva das experiências de leitura”, Samara da Rosa Costa e Lucimar Rosa Dias exploram o conceito de literatura para as infâncias, com base em suas experiências como pesquisadoras, discutindo a intersecção entre infância e identidade racial. Por fim, no artigo “Como personagens negras na literatura infantil vêm sendo estudadas? Investigando categorias de análise”, Débora Cristina de Araujo identifica como as obras com protagonismo negro têm sido estudadas e contribui para o campo reflexivo com novas categorias de análise.

Em conjunto, esses artigos reafirmam a força crítica e estética da literatura afro-brasileira contemporânea, revelando como a escrita de autoria negra confronta silenciamentos históricos, reinscreve memórias coletivas e propõe novos horizontes de existência, subjetividade e resistência.